

FORMAÇÃO DO LEITOR INFANTO-JUVENIL: DO ENCANTAMENTO AO PRAZER

Rosana Benatti Ferreira Pereira¹

Introdução

O presente artigo vai abordar a importância da literatura infantil na formação do leitor infanto-juvenil. Terá como foco refletir a prática da Literatura Infantil na Escola, a contribuição do estímulo do Imaginário Infantil e o relato de uma experiência bem sucedida em escola acerca do incentivo à leitura e participação da família nesse processo de formação do leitor infanto-juvenil.

As crianças gostam de ouvir histórias desde pequenas. Os bebês se encantam pelo acalanto das narrativas ou dos musicais. As crianças maiores têm preferência pelos textos ritmados que acabam memorizando e ao “relerem” contam como se estivessem lendo realmente. Algumas crianças, na hora da narrativa, até se apoiam com o dedinho nas linhas, dando a sensação de leitor fluente. O significativo nisso tudo é que as histórias quando adequadas para cada faixa etária possibilitam o sucesso do trabalho no encantamento da leitura. Becker, citado na Revista Criança (2005, p. 22), alerta que “nessa fase de audição de narrativa, a professora não pode escolher livros apenas para ensinar algo como higiene, cuidado ou valor moral”. Os livros de literatura infantil, os contos clássicos, as fábulas, as poesias favorecem a fruição estética e despertam o interesse pela leitura já que atizam a imaginação da criança.

Magda Soares, citada pela Revista Criança (2005, p. 22) diz que “a criança precisa muito de fantasia e de imaginação”. A autora alerta também para o fato de que as crianças precisam ter contato com textos impressos e não literários como revistas infantis, em quadrinhos, receitas, bulas de remédio, certidão de nascimento, etc., que têm diferentes funções e objetivos.

O ambiente que favorece a formação de hábito de leitura e conseqüentemente do leitor infanto-juvenil deve ser preocupação precípua para toda e qualquer atividade. O clima criado para um momento de conto – local aconchegante, inspirador, com música clássica ao fundo – é fonte inspiradora ao imaginário infantil. A criança se reporta ao espaço-tempo da história, se envolve e interage no real com as possibilidades da sua

¹ Professora do ISAT – Instituto Superior Anísio Teixeira

imaginação. As atividades proporcionadas para estímulo à leitura podem proporcionar o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Percebo que a hora do conto, as atividades que giram em torno das histórias contadas, a participação da família em projetos de leitura, a utilização da biblioteca com espaço de ler, ouvir e contar histórias para conhecer, buscar e aprender são oportunidades pedagógicas que estimulam e despertam para o encantamento e prazer de ler.

O artigo começa com uma abordagem sobre a Literatura Infantil na Escola; em segundo lugar, aponta questões sobre o imaginário infantil no cotidiano familiar e escolar das crianças; em seguida, apresenta o relato de uma experiência bem sucedida de um projeto de leitura de uma escola, desenvolvido na escola e em casa com a participação das famílias, que tem por objetivo despertar o gosto pela leitura, favorecer a integração família-escola e proporcionar ambiente e atividades para a formação do leitor infante-juvenil. Por último, nas considerações finais, proponho reflexões acerca da necessidade de reestruturação nos cursos de formação de professores da Educação Infantil e das séries iniciais para que possam descobrir a importância da leitura na formação do leitor, no caso seus futuros alunos e para a própria formação do educador.

A Literatura Infantil na Escola

Ouvir histórias é sinônimo de alegria. A hora do conto é o momento de encantamento e desperta nas crianças o mais profundo desejo de conhecer. As crianças quando incentivadas desde pequenas percebem a leitura como alimento para a alma, uma forma prazerosa de conhecer o mundo e beber na fonte dos desejos mais inusitados. Seja de príncipes e princesas, seja de suspenses a descobrir.

A escola acaba sendo o ponto de referência para muitos alunos que não têm a família como incentivadores do processo de descoberta da leitura, nem como modelos para leitores fluentes. O que se percebe em muitas instituições de ensino é o livro paradidático sendo utilizado como complemento de conteúdos a serem dados e cobrados em testes e provas. Os alunos leem para obter uma nota ou conceito, não para discutir um assunto ou por ter interesse em algum tema específico. De certa forma, essa escola forma o professor que conseqüentemente reproduz ensinamentos vividos no seu cotidiano escolar.

No meu universo de trabalho, em universidade como professora do curso de pedagogia, percebo que os alunos não têm o hábito de ler e já esperam leituras

fragmentadas de livros apenas para resumo ou uma síntese dada pelo professor para ser lida. Ao se depararem com a solicitação de leitura de capítulos ou de livros alegam a falta de tempo. Falta de tempo essa ocultada em diversos artifícios já que não percebem a leitura como forma de obter mais conhecimentos para discutir e se fundamentarem/aprofundarem nos assuntos e, o que é pior, por não terem o hábito de leitura, dizem não gostar de ler.

Já como supervisora escolar, procuro incentivar as professoras da Educação Infantil, que comigo trabalham, para leituras de livros acerca de assuntos variados e/ou específicos para que possam enriquecer seus conhecimentos e criar novas sugestões de atividades para suas turmas, bem como propor projetos de trabalhos que tenham a literatura como pano de fundo para as atividades. Os diversos estilos literários se fazem presentes desde o momento inicial na rodinha, seja com poesias ou com a caixa de conto surpresa ou com a novidade literária do dia, seja na hora do conto ou mesmo na biblioteca na escolha de livros para empréstimos. As crianças têm o livro ou as histórias contadas como parte integrante de seu desenvolvimento.

Acredito que a criança, se estimulada desde cedo, poderá beneficiar-se com leituras diversificadas e tornar-se um leitor atuante e interessado por temas variados, pois nessa faixa etária é suscetível aos estímulos que, se ricos, incentivam na busca constante por novidades atraentes e a criança só lucrará com isso.

A família é o grande exemplo para esses pequenos. Se os pais são leitores e o fazem de forma espontânea na frente de uma criança nessa fase, a possibilidade de se tornar leitor como reflexo desse hábito é bem grande. Se a escola se soma a esse hábito, como reforço de leituras do nosso cotidiano, com trabalhos diversificados a partir de leituras de livros infantis, contos clássicos, poesias, canções e o uso da biblioteca como espaço de entretenimento e prazer, a criança verá a leitura de forma prazerosa e de grande estímulo para novas descobertas. Essa criança, então, crescerá com o hábito de leitura como parte de sua vida e não como obrigação para trabalhos ou conceitos. A leitura da escola será uma atividade que lhe proporcionará um novo olhar para um autor ou estilo literário.

O Imaginário Infantil

As brincadeiras de faz de conta fazem parte do universo infantil desde a mais terna infância. Postic (1993) relata que

(...) a criança expressa seu imaginário primeiro pelo jogo, pelo gesto, pelo corpo, antes de usar o desenho, a pintura, a narração. Desde cedo, a criança encena com o objeto simbólico que é a boneca. Ela se envolve na situação, projeta seus dados afetivos. Adota papéis sociais que são pontos de referência: pais, professores, enfermeira. (POSTIC, 1993, p. 22).

As crianças adoram se imaginar em situações diversas: mamãe ou papai na casinha de bonecas, personagens de contos infantis como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Príncipes, dinossauros, bruxas, cachorros, Rei Leão, etc. Segundo Postic (1993, p. 18), é pela atividade que a criança "se confronta com os outros, com o real, ao fazer descobertas, ao sentir alegrias e dores, ao viver apegos e conflitos". Dessa forma, suas perguntas vão paulatinamente sendo respondidas e ela começa a tomar consciência de seu potencial e de seus limites. Mas Postic (1993, p. 18) ressalta que os enigmas persistem e que isso leva as crianças a procurar, imaginar, sonhar, "tendo como motor a vontade de conhecer, como também a vontade de dominar temores, angústias, ou então de expressar emoções".

As histórias contadas possibilitam o alimento para o imaginário infantil e por elas a criança pode se expressar e captar significados segundo seus interesses.

A possibilidade de alimentar o imaginário infantil está nos momentos das brincadeiras infantis que devem ser valorizadas e exploradas tanto em casa quanto na escola. As conversas e os jogos de imaginação também são ricos para que a criança não perca a possibilidade de sonhar o possível, aquilo que ela gostaria de fazer, colocar-se em outra posição no jogo: ser mãe ou o pai; a bruxa ou a princesa; o príncipe ou o dragão. Os contos infantis permitem explorar os fatos inusitados ou que de certa forma causam medos como ter madrasta, se perder na floresta, não obedecer aos pais, contar mentiras, etc. As crianças se imaginam nas histórias, se envolvem no momento. A forma de se contar a história também reflete na reação infantil, que pode adorar a história e pedir para contar várias vezes, como se contentar com uma única vez. A voz doce ou com expressões para ressaltar movimentos ou ações envolve a criança que parece estar hipnotizada.

Uma Experiência de Sucesso

Trabalho em uma escola particular como supervisora da Educação Infantil à 4^a série do Ensino Fundamental. Ao longo de quinze anos desenvolvemos um Projeto de Leitura na Educação Infantil que tem por objetivo integrar a família e transformar a hora do conto no grande momento de ligação afetiva e de atenção aos filhos já que os pais de

hoje são extremamente ocupados e não priorizam esse espaço para a família, tendo a televisão como objeto de atenção em comum nos momentos em que estão juntos.

O Projeto denominado Vapt-Vupt começa às quintas-feiras na biblioteca da escola onde as crianças escolhem o livro que levarão para casa no final de semana, sob a orientação da professora, e que será dinamizado com a família. Durante o final de semana a família escolhe o melhor dia e horário para contar a história e fazer os desdobramentos do momento do conto, que poderá conter sugestões da escola ou a família poderá decidir o que a criança levará como registro do momento da leitura. O importante é que não há obrigatoriedade de registro escrito. Esse pode ser oral, dramatizado, em forma de fantoches, com sucata, gravado ou filmado. Segundo Chartier (1994):

(...) deve-se voltar a atenção particularmente para as maneiras de ler que desapareceram em nosso mundo contemporâneo. Por exemplo, a leitura em voz alta, em sua dupla função: comunicar aos que não sabem decifrar, mas também cimentar as formas de sociabilidade imbricadas igualmente em símbolos de privacidade – a intimidade familiar, a convivência mundana, a convivência letrada. (p. 17)

Portanto, o fundamental é o momento proporcionado pela família e os laços que são criados.

O início do projeto apresentou alguns contratempos como da família se sentir obrigada a contar histórias. Os pais alegavam, além da falta de tempo, o fato de não gostarem de ler e não terem sido incentivados a contar histórias já que seus pais não fizeram isso com eles e na escola só faziam leitura para testes ou provas, além de acharem os livros lidos muito chatos.

Ao longo do primeiro ano, realizamos diversas reuniões com rodas de leitura com os pais e as crianças com o objetivo de que eles percebessem o prazer dos filhos em ouvir e contar histórias. O fato de o projeto acontecer semanalmente transformou-se em rotina familiar e na semana em que não tinha projeto (por algum motivo particular da turma ou da escola), na semana seguinte os pais (aqueles que reclamavam que não gostavam de ler!) nos procuravam para saber o porquê da não dinamização do projeto. Foi quando instituímos junto às crianças e aos pais que, independentemente do Projeto, a biblioteca estava disponível para empréstimos e que estes poderiam ser feitos a qualquer momento. O salto na procura por empréstimos foi surpreendente.

Com o passar dos anos, começamos a ousar nas atividades propostas para a família: os pais foram convidados para contar histórias, os avós também entraram na

roda! Cada mês tinha uma atividade diferente e este ano, como novidade, fizemos o sarau de poesias com as crianças do Jardim 1 (crianças de três anos) que iniciou com os livros do Toquinho, músicas e vídeo da Arca de Noé com Vinícius de Moraes. As crianças registraram as poesias em varais coloridos que ficaram pela sala e depois nos murais do pátio. Na rodinha de entrada, havia o momento da poesia e cada criança podia escolher a sua preferida e recitar. O encantador é que alguns usavam o dedinho para mostrar os escritos no varal como se estivessem lendo dali.

Os clássicos infantis também fazem parte do projeto. A confecção de personagem em tamanhos reais é a grande atração do momento. As crianças se divertem fazendo a Rapunzel com suas enormes tranças na torre. A bruxa confeccionada com papelão e coberta com roupas pretas diverte as crianças que dão sugestões com muita propriedade. A possibilidade de levar os personagens para casa é outra grande atração do projeto. Cada dia uma criança pode levar um personagem e à família cabe dinamizar as histórias e registrar o momento em uma folha do portfólio da turma, que é lido na rodinha de entrada e a criança explica o que foi feito e como ela participou.

Despertar a curiosidade faz parte do projeto. A caixa do conto surpresa é a novidade para as crianças de quatro anos. Cada semana um aluno leva a caixa para casa e na segunda-feira seguinte a traz com um livro para ser dinamizado com os colegas, mas não informa o título nem de que história se trata. No momento da rodinha de entrada, a criança pode dar pistas de personagens, local em que se passa a história, tamanho do livro, etc. Logo após as apresentações feitas pelo aluno do livro do dia, a professora combina a hora do conto, que poderá contar com registro da turma de diversas formas e técnicas.

O sucesso do projeto junto às famílias é tão grande que desde 2005 passamos a dar continuidade com as turmas de 1^a a 4^a séries com variantes de acordo com a faixa etária já que eles têm o hábito de empréstimo na biblioteca decorrente dos anos anteriores na Educação Infantil. Introduzimos a roda de leitura semanal que acontece na biblioteca toda sexta-feira na qual as crianças e professoras dinamizam leituras de livros escolhidos na semana para “venderem” a ideia dos autores. Os livros de leitura bimestrais são indicados e dinamizados de formas variadas, de acordo com os projetos trabalhados nas turmas.

O passeio ao Salão Nacional do Livro no MAM, de 2006, foi extremamente prazeroso e as crianças da Educação Infantil à 4^a série puderam beber da fonte dos mais encantadores momentos da leitura: o contato com a criatura e o criador. Ouviram

histórias contadas pelos autores e como os ilustradores criam os personagens, etc. Os alunos da 1ª série ficaram tão encantados com a história contada pela autora Simone Bibiani que escolheram o livro “O Menino e o Cachorro” para leitura do 3º bimestre e lá mesmo o compraram, demonstrando senso crítico ao dizerem o porquê da escolha e o encantamento pela história.

Considerações finais

Tentei ao longo do artigo apresentar o que tenho percebido na minha trajetória profissional acerca de propostas existentes para formação do leitor infanto-juvenil, com o propósito de poder colaborar nos projetos escolares voltados para o incentivo do gosto da leitura / para a leitura / pela leitura.

Os pais da atual geração de crianças em fase da Educação Infantil são frutos da escola que teve a obrigatoriedade da leitura de livros didáticos apenas para conhecer os conteúdos ou nas aulas de Língua Portuguesa para leitura dos livros indicados para os testes bimestrais. Logo, ler, para eles, é apenas com um fim: seja com a obrigação do teste, seja para aprender mais.

Nas entrevistas com os pais realizadas no início do ano, na escola na qual trabalho, perguntou-se qual o tipo de leitura realizada pela família. As respostas foram em massa: “Leio os livros da minha área/profissão.” Ou então: “Não temos tempo para ler outras coisas, muito mal o jornal rapidinho pela manhã antes de sair de casa.” E quando perguntamos se a criança gosta de histórias, a resposta é imediata: “Ah, sim. Ele tem muitos vídeos/dvds com filminhos.” Nas observações feitas ao longo da existência do projeto citado, percebi que a família não valorizava o momento de contar histórias. Ir a uma livraria e parar para folhear um livro, muito menos.

Com a participação no projeto e nas reuniões de discussão acerca do que podemos fazer para que nossos filhos gostem de ler, as dicas foram aos poucos sendo assimiladas e já percebemos as crianças relatando que foram a uma livraria comprar um livro, ou que conheceram outra biblioteca que não a da escola, etc. O processo ainda é longo, mas o caminho já começou a ser percorrido.

Os professores das turmas de Educação Infantil e das séries iniciais também apresentaram suas dificuldades no quesito das leituras variadas. Sua formação também não possibilitou voos mais altos e conhecimento amplo do encantamento pelo belo da Literatura Infanto-Juvenil (que não tem idade certa para começar nem para parar!). Ana Maria Machado (2001), alerta para o fato que “hoje em dia chegamos a ponto de formar

professores que nunca leram Monteiro Lobato e nem desconfiam de quanto isso lhes faz muita falta”. (p. 146)

Partindo deste pressuposto, foi preciso também a realização de trabalho com os professores da escola, de conscientização e conquista para que o Projeto desse certo. O trabalho começou com a apresentação de estilos literários, obras de autores que de certa forma fizeram e fazem parte de minha trajetória de leitora como Monteiro Lobato, que pautou toda a minha infância e meu imaginário infantil (o que dizer do Reino das Águas Claras? Só quem vivenciou o encantamento da história pode saber!), O Menino de Asas, O Gigante de Botas, O Caso da Borboleta Atíria, O Menino do Dedo Verde, que apesar de livros de leitura indicados para os testes bimestrais foram utilizados de forma pedagógica e prazerosa, pois ainda me lembro de detalhes dos livros, bem como os livros que ganhava de presente da minha vovó paterna para incentivar a leitura: a coleção do Para Gostar de Ler com Drummond, Fernando Sabino, Cecília Meirelles. Ah, as poesias que tanto me encantaram e ainda encantam!

O propósito do trabalho foi proporcionar o encantamento da delícia que é poder ter o livro para ler e contar e mostrar que se o professor fala do prazer de ler com encantamento, a criança terá a curiosidade para buscar na leitura os segredos escondidos nos livros. Postic (1993) alerta que “alimentar o imaginário da criança é desenvolver a função simbólica por meio de textos, de imagens e de sons”. (POSTIC, 1993, p. 21)

Percebo que os cursos de formação de professores da Educação Infantil e das séries iniciais precisam de reformulação no sentido de proporcionar conhecimento teórico para as atividades de Literatura Infantil e as possibilidades de conhecimento e descoberta dos livros estimulando-os no gosto pela leitura. Ana Maria Machado (2001) diz que “só descobrindo os livros pelos quais terão paixão, os autores que falarão por sua alma, é que os professores irão se sentir apóstolos da literatura, capazes de transmitir aos outros sua boa nova” (p. 125). Larrosa (apud COSTA, 2002) alerta que “o que o professor deve transmitir é uma relação com o texto: uma forma de atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude, uma abertura” (p. 151) e complementa que “a função do professor é manter viva a biblioteca como espaço de formação”. (p. 151). O professor, segundo Magnani (1994), “é, concomitantemente, alguém que participa ativamente desse processo; alguém que lê, estuda, expõe sua leitura e seu gosto, tendo para com o texto a mesma sensibilidade e atitude crítica que propõe a seus alunos”. E complementa:

(...) a formação do gosto (..) diz respeito à vida, à formação de uma visão de mundo. (...) É preciso fazer da contradição e da busca de sua superação uma prática/vivência cotidiana de sala de aula e de vida. É a construção de uma história coletiva que conta no jogo das interpretações. É um conhecer para gostar. É um conhecer para agir. (MAGNANI, 1994)

E assim, ao se descobrirem leitores e amantes do bom e do delicioso prazer de abrir novos tesouros em mapas e ilhas encantadas, poderão encantar seus alunos para o maravilhoso mundo mágico da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas**: sobre leituras e escritos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Leitura e Formação do gosto** (por uma pedagogia do desafio do desejo). São Paulo: FDE. Diretoria de Projetos Especiais, 1994.

POSTIC, Marcel. **O Imaginário na Relação Pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

REVISTA CRIANÇA. Ministério da Educação – DPE/SEB. N° 40, set / 2005.